

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



TEORIAS ECONÔMICAS NO CONTEXTO DA QUESTÃO REGIONAL:

considerações sobre Myrdal, Perroux e Marx

Abraão Neiver de Miranda Azevedo¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as principais correntes de pensamento econômico que dominaram as posições superiores da academia, as quais influenciaram decisões políticas do Estado brasileiro para que este, através de seus governantes, pudesse compreender, ou mesmo, refletir a Questão Regional. Estas posições vão de encontro à teoria econômica dominante, que passou a ser validada por grande parte das produções literárias das ciências econômicas. Dessa forma, iremos identificar as teorias econômicas que adentraram no Brasil e disputaram, ou disputam, seus espaços para o complexo entendimento da Questão Regional na perspectiva dos autores Gunnar Myrdal (1898-1987), François Perroux (1903-1987) e Karl Marx (1818-1883).

Palavras-chave: Teoria econômica. Questão Regional. Desenvolvimento Regional.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the main currents of economic thought the academy, which influenced political decisions of the Brazilian State so that it, through its rulers, could understand, or even reflect, the Regional Question. These positions go against the dominant economic theory, which came to be validated by a large part of the literary productions of the economic sciences. In this way, we will identify the economic theories that entered Brazil and disputed, or disputed, their spaces for the complex understanding of the Regional Question in the perspective of the authors Gunnar Myrdal (1898-1987), François Perroux (1903-1987) and Karl Marx (1818-1883).

Keywords: Economic theory. Regional Issue. Regional Development.

1 INTRODUÇÃO

Ironicamente, a luta pela conquista de espaço e poder não se dá somente na esfera econômica. A luta pela garantia de dominação perpassa por processos que vão além do econômico. É o caso da cultura. No aspecto cultural existem processos

¹ Instituto Federal de Educação do Maranhão (IFMA); Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); abraaonmazevedo@gmail.com.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



sociais que determinam sua amplitude e aceitação, tentando depositar na hierarquia social sua validade como sendo universal.

Aqui iremos tratar de investigar as principais correntes de pensamento econômico que dominaram as posições superiores da academia, as quais influenciaram decisões políticas do Estado brasileiro para que este, através de seus governantes, pudesse compreender, ou mesmo, refletir a Questão Regional. Estas posições vão de encontro à teoria econômica dominante, que passou a ser validada por grande parte das produções literárias das ciências econômicas.

Somente a partir da década de 1950 estas teorias chegaram de forma veemente ao Brasil e se tornaram alvos de disputas para a compreensão das distorções apresentadas pelo mercado no contexto das desigualdades regionais e de suas heterogeneidades.

É nesse contexto que a economia política determinará os rumos dos Estados nacionais, no que corresponde ao plano de investimento, produção e distribuição de recursos, sejam estes materiais e imateriais (como no caso dos direitos socialmente adquiridos). Dessa forma, iremos identificar as teorias econômicas que adentraram no Brasil e disputaram, ou disputam, seus espaços para o complexo entendimento da Questão Regional na perspectiva dos autores Gunnar Myrdal (1898-1987), François Perroux (1903-1987) e Karl Marx (1818-1883).

2 ANÁLISE DA QUESTÃO REGIONAL SOB O PRISMA DAS TEORIAS ECONÔMICAS

Os neoclássicos tendem a ver a questão do desenvolvimento econômico como provida de uma força motriz mecânica, importando esse conhecimento das ciências da natureza, ou seja, assim como na física existe a lei de ação e reação, existirá a possibilidade futura para um desenvolvimento econômico equilibrado, decorrente da ação e reação entre produtores e consumidores. Essa interpretação irá conduzir o raciocínio dos neoclássicos que sempre buscaram explicações para os fenômenos

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

sociais através da aplicação das leis da física. A oferta e a demanda seriam processadas como funções as quais poderiam aumentar ou diminuir de acordo com a situação atual de determinada sociedade. O processo de equilíbrio seria então ocasionado quando a demanda e a oferta se ajustassem naturalmente, conforme a dinâmica de produção e consumo. O desenvolvimento, portanto, seguiria rumo a um equilíbrio.

A controvérsia teórica entre os neoclássicos e seu desenvolvimento equilibrado inicia com as teorias econômicas de Gunnar Myrdal (1898-1987) e François Perroux (1903-1987), que se apresentam perante tais teorias de forma bastante antagônica. Estes dois economistas irão impactar as ciências econômicas, bem como as sociais, de forma a conseguirem disputar espaço e poder com as teorias neoclássicas. Irão, ainda, causar grande comoção política no âmbito das interpretações e análises sobre a questão regional de países desenvolvidos e subdesenvolvidos, e suas relações. O foco de suas análises está embasado na economia de países capitalistas, a qual evidencia um desenvolvimento econômico desigual. Estes autores mudaram os rumos da investigação sociológica e econômica de países da Europa e das Américas.

Importante ressaltar que o método e a doutrina de Karl Marx (1818-1883) no contexto da academia, bem como suas implicações no âmbito político, não perdem efeito e expansão no Brasil, mesmo depois das teorias de Myrdal e Perroux influenciarem as políticas econômicas de governos voltados à Questão Regional. Isso se deve ao fato de que Marx consegue, antes de tudo, antecipar as consequências nefastas que o capitalismo toma em proporção nas relações das diferenças regionais, indo para além da análise sobre seus efeitos.

Dito isto, os referenciais teóricos de Myrdal, Perroux e Marx irão se contrapor à *mainstream* dos neoclássicos (TAVARES, 1987), utilizados para a compreensão das desigualdades regionais como forma dos governos de países desenvolvidos e subdesenvolvidos compreenderem seus dilemas e problemas multidimensionais, na busca de propor soluções “efetivas”. No caso do Brasil, os autores citados acima farão parte do arcabouço teórico que será utilizado, como expressão institucional, para

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

busca do entendimento sobre a questão regional a partir da segunda metade do século XX, e serão amplamente utilizados para orientar as ações planejadas de governos com foco na integração e no desenvolvimento regional.

Nascido na Suécia no século XIX, Gunnar Myrdal desenvolveu grande interesse em estudar a questão regional de países subdesenvolvidos:

Depois da crise econômica de 1929 e especialmente ao término da II Guerra Mundial, seu interesse voltou-se crescentemente para os problemas econômicos dos países subdesenvolvidos, ou para os problemas do atraso e da pobreza existentes no interior dos países desenvolvidos. O desdobramento desta nova linha de atuação levou Myrdal à política: elegeu-se deputado em 1935, e entre 1945 e 1947 foi ministro do Comércio da Suécia. Participou também de organismos multilaterais, tendo sido assessor econômico da ONU para a Europa entre 1947 e 1957 (SANDRONI, 1997, p. 5).

Apesar de Myrdal ter uma trajetória política, o seu trabalho se manifestou profundamente teórico. Dessa forma, o seu itinerário formativo configura, como ele próprio declara, em uma preocupação eminentemente teórica a respeito de questões econômicas e sociais. Contudo, as contribuições de Myrdal demarcam uma importante fase para o descobrimento de novos caminhos à ciência econômica. Não foi um revolucionário no campo ideopolítico devido seu percurso teórico estar mais próximo de autores liberais, dos mais antigos, os quais corresponderam aos anseios da construção do método e interpretação de sua teoria. Como ele mesmo relata:

Por trás de minha desistência de escrever um estudo crítico sobre Marx estava também o fato de eu jamais ter sido marxista, embora, naturalmente, tivesse aprendido com Marx tanto quanto com outros grandes autores. Todas as minhas raízes, porém, encontravam-se na filosofia do iluminismo, e os autores socialistas franceses e ingleses mais antigos haviam exercido uma influência bem mais vigorosa sobre mim. Diferentes de Marx, os socialistas “utópicos” eram planejadores. O marxismo não era para mim uma forma de pensamento com que eu me tivesse identificado a ponto de gerar uma necessidade de “livrar-me dela”. Tal necessidade eu efetivamente sentia em relação à teoria econômica clássica e neoclássica que se havia ramificado a partir da filosofia do iluminismo da maneira como é analisada neste livro. Trabalhar sobre ela, portanto, transformou-se em catarse, em luta pela emancipação em relação a tudo o que eu já havia assimilado quando colegial precoce. Essa catarse relacionava-se com o conceito de realidade econômica e o método de analisá-la. Talvez eu devesse acrescentar que ela não destruía minha ligação pessoal aos ideais e valores básicos da filosofia

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



do iluminismo — paz, liberdade, igualdade e fraternidade (MYRDAL, 1997, p. 20).

Ratificando as considerações expostas acima, os motivos que o levaram àquela decisão foram fortemente influenciados pelo período em que Myrdal se preocupou com a questão social decorrente da crise de 1929 e do final da II Guerra Mundial, ampliando seus estudos em relação à pobreza existente em países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Contudo, há de se saber que, apesar de sua concepção, Myrdal não foi alheio à compreensão do marxismo, tão pouco o recusou, mas pelas suas limitações de tempo, refletiu em gastá-lo de forma mais imediata na compreensão das determinações do capitalismo pelo seu arcabouço teórico já constituído. O autor procurou demonstrar o desenvolvimento econômico de forma antagônica à *mainstream*, consolidando um pensamento inovador e crítico do liberalismo. Buscou pensar uma forma de contrapor aos interesses do capital hegemônico privado pela estrutura planejada de regiões, as quais teriam por lastro a ação estatal.

No campo econômico suas principais obras foram *Politics Aspects of Economic Theory* (1930) (Aspectos Políticos da Teoria Econômica); *Monetary Equilibrium* (1939) (Equilíbrio Monetário); *Economic Theory of Underdeveloped Countries* (1957) (Teoria Econômica dos Países Subdesenvolvidos); no campo sociológico sua contribuição está em *An American Dilemma: the negro problem and modern democracy* (1944) (Um Dilema Americano: o problema do negro e a democracia moderna).

Myrdal consagra um novo direcionamento para a compreensão das questões sociais e econômicas em países subdesenvolvidos, interpretando estas como questões multidimensionais, ou seja, entende que não somente se deve imperar o fato econômico como único modo de compreensão da realidade; deve-se, contudo, analisar questões para além do econômico, tais como saúde, renda, educação, moradia, dentre outros, os quais levem à compreensão da realidade de um estado ou fenômeno social. Isto tornará possível o direcionamento de ações corretivas e reguladoras para solucionar distorções econômicas. Em outras palavras, deve-se ampliar o campo de visão sobre as questões sociais, culturais, diplomáticas,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

econômicas, para se chegar a determinada compreensão da realidade, a qual influenciará a tomada de decisão pelos atores sociais.

Para Myrdal, o mercado tende a alocar forças em contraposição ao equilíbrio, ou seja, sua ingerência tenderá a aumentar os desequilíbrios regionais. O mercado formará centros de desenvolvimento em detrimento de outras regiões, as quais trarão o reflexo da desigualdade. Myrdal sustenta que somente poderá haver um desenvolvimento fora da lógica do mercado e, para isso, terá que ter a participação política do Estado, pois somente este detém força suficiente para esta finalidade.

Para Gunnar Myrdal, o jogo das forças de mercado tende, em geral, a aumentar e não a diminuir as desigualdades regionais. Isso ocorre porque os fatos sociais tendem a seguir o processo de “causação circular”, segundo o qual uma transformação não provoca mudanças compensatórias, mas, antes, sustenta e conduz o sistema com mais intensidade, na mesma direção da mudança original. Ou seja, não há uma tendência à redução das desigualdades regionais, como postula a economia tradicional (TAVARES, 1987, p. 26).

Seguindo o pensamento acima, o efeito de “causação circular” foi um conceito criado por Myrdal que torna possível a compreensão de sua teoria de desenvolvimento desequilibrado, ou seja, é o processo pelo qual uma ação estruturada entre o público e o privado poderá promover avanços contínuos ou recuos contínuos no processo de desenvolvimento econômico regional. A causação circular (cumulativa) leva à geração de círculos viciosos. Em outras palavras, ela seria a consequência de tomadas de decisões dos atores sociais – e cabe ressaltar a participação massiva do Estado – as quais poderão promover ascensão ou declínio do desenvolvimento econômico entre regiões. É nesse sentido que o desenvolvimento, para Myrdal, somente pode ser desenvolvimento desequilibrado, pois a expansão dos mercados em certos centros espaciais levará a ocorrência de instabilidade econômica e social decorrente de suas relações. A causação circular se desdobra em dois efeitos: *Backwash Effects* (Efeitos Regressivos) e *Spread Effects* (Efeitos Propulsores). Os primeiros efeitos acabam sempre por se hegemonizar na área dominada, enquanto os segundos drenam os recursos desta mesma área. De acordo com este pensador, “as forças de mercado fazem com que os efeitos

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



regressivos sejam mais fortes que os propulsores” (TAVARES, 1987, p. 25). Desta feita, um equilíbrio será possível somente se ocorrer a partir de mudanças exógenas (fora da lógica de mercado). Para que ocorram essas mudanças, é necessário a ação política planejada, pelo Estado, pois, somente este reúne condições suficientes para esta finalidade. É neste aspecto que a teoria de Myrdal ganha fôlego no Brasil a partir dos anos de 1950, quando será apontada para resolução da Questão Regional e integração das regiões mais retardatárias no contexto nacional.

As ideias de Myrdal, surgidas em meados dos anos 50, tiveram grande influência nos países subdesenvolvidos. Serviram, por exemplo, juntamente com o pensamento da CEPAL, como o principal suporte teórico para o relatório do GTDN, elaborado por Celso Furtado em 1958, dando início à política de planejamento regional do Nordeste (TAVARES, 1987, p. 25).

Dessa forma, a participação do Estado brasileiro, na tentativa de solucionar o problema do isolamento do Nordeste em relação a outras regiões, passou a compor uma agenda de planejamento fundamentada teoricamente na perspectiva de Myrdal. Essa compreensão nos impulsiona a tentarmos ver os resultados de sua aplicação teórica para solucionar os problemas da Questão Regional na prática. Os alvos da teoria *myrdaliana* foram países subdesenvolvidos, pois eles continuam sua principal estrutura de análise econômica, consolidada pelo atraso econômico em relação aos países desenvolvidos, deflagrado por um sistema vicioso de pobreza em seus territórios.

De fato, ao estudar a economia dos países subdesenvolvidos, Myrdal percebeu a existência de um círculo vicioso do atraso e da pobreza, que poderia ser rompido pela aplicação planejada de reformas econômicas. Este movimento, no entanto, poderia ser também virtuoso: nada impedia que uma melhora econômica ou social condicionasse outra, e assim sucessivamente (SANDRONI, 1997, p. 6).

Importante saber que o círculo vicioso *myrdaliano* se refere a um complexo processo de desenvolvimento contínuo. Neste sentido, alguns estudos demonstram erroneamente que essa teoria se coloca na contramão da defesa do desenvolvimento social e econômico dos países subdesenvolvidos, deixando-os na condição histórica de exploração por terem sido colônias. Esta interpretação é errônea, pois, na verdade,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



a teoria em destaque condiciona o entendimento de que, apesar de terem sido colônia, os processos operativos governamentais de planejamento podem transformar a realidade de uma determinada região, passando de um aspecto de círculo vicioso para um círculo virtuoso. Isto compreenderia um processo de melhoria das condições sociais e econômicas. Foi nessa perspectiva que no Brasil de 1960, no governo de Kubitschek (1956-1961), a Questão Regional ganhou destaque, e refletiu, amplamente, a tendência teórica de Celso Furtado pelo pensamento de Myrdal.

François Perroux (1903-1987) apresenta uma proposta muito similar a de Myrdal, pois trata a questão do desenvolvimento regional a partir da implementação dos polos de desenvolvimento. Contudo, as consequências desta teoria são bem mais agravantes do ponto de vista ideológico, pois, nela se encontra “a defesa dos monopólios e a necessidade de os países atrasados manterem-se fiéis aos centros hegemônicos mundiais, no máximo procurando tirar algum proveito da dominação que lhes é imposta” (TAVARES, 1987, p. 26). Neste aspecto, sua teoria consolida-se de forma claramente ideológica e apresenta no próprio discurso uma frente antimarxista:

A dialética marxista, que evidencia o conflito das forças e das formas institucionais, açambarca uma parte de atenção que nós deveríamos dedicar a uma outra dialética ativa no mundo moderno e que se define pelo conflito dos espaços de crescimento engendrados pelos polos de crescimento e dos espaços territoriais politicamente organizados (PERROUX apud TAVARES, 1987, p. 27).

Nesta perspectiva, somente poderá haver o desenvolvimento de regiões quando houver um grande reflexo das economias de aglomeração por complexos industriais, o que provocará a soma das forças de mercado para geração de uma identidade geográfica, e como consequência se transformará em um polo de crescimento. Portanto, para esta teoria, o polo de crescimento representa o primeiro estágio de um progresso, e é condicionante necessário ao desenvolvimento econômico regional. Perroux sustenta ainda que o polo de crescimento pode se tornar um polo de desenvolvimento quando houver um complexo industrial sustentado por

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

uma empresa motriz, que trará condições de outras empresas se desenvolverem ao seu redor, o qual provocará transformações estruturais que terão impactos sobre a questão do emprego e da renda.

De acordo com Perroux, o desenvolvimento econômico está associado à renovação cultural das sociedades e à inovação dos seus processos produtivos. Estes dois processos operativos se tornam mais evidentes em sociedades desenvolvidas, e, dessa forma condiciona o progresso. Conforme relata:

A renovação das sociedades e das totalidades culturais sustenta, a longo prazo o desenvolvocasionarvimento econômico, isto é, mantém a mudança das estruturas mentais e dos hábitos sociais e as transformações institucionais que permitem o crescimento do produto real global e que traduzem avanços particulares em um progresso da totalidade do social. A distinção - sempre e em todos os sentidos vital - entre crescimento e desenvolvimento impõe-se urgentemente em virtude dos conjuntos subdesenvolvidos e das culturas arcaicas (PERROUX, 1967, p. 17).

O que seria a distinção (a diferença, ou mesmo o diferente) para Perroux, portanto, apresenta-se como o futuro que se chega ao presente em forma de progresso, e dessa forma os países desenvolvidos estão à frente dos subdesenvolvidos, os quais podem ser representados como conjuntos subdesenvolvidos de culturas arcaicas. O autor apresenta uma forma peculiar e antagônica de analisar teoricamente o desenvolvimento econômico , sustentando que:

[...] os poderes relativos entre os grupos sociais alteram-se no próprio processo de crescimento e de realização dos progressos; de outra parte, as sociedades humanas revelam-se capazes de reflexão sôbre sua conduta econômica e sôbre o rendimento de suas instituições. Nas economias subdesenvolvidas, o contrôle das relações sociais e a forma das instituições, são dinamismos econômicos cuja decisiva importância não pode escapar mesmo ao economista mais abstraído na rotina de trabalho (PERROUX, 1967, p. 18).

Corroborando com o pensamento acima, o progresso para as sociedades subdesenvolvidas depende da alteração que seus grupos sociais sofrem e no momento em que consideram avaliar o rendimento de suas instituições e sua conduta econômica. Neste sentido, as alterações são frutos da mudança cultural marcada por

PROMOÇÃO



APOIO





conflitos sociais. Para o autor, as contradições sociais nos países desenvolvidos e nas culturas modernas são operantes. Isso quer dizer que os empreendimentos individuais e coletivos não são espontaneamente concorrentes ou compatíveis entre si, mas a incompatibilidade se dá através de uma mesma referência econômica ou fica reduzida às leis de mercado. Nos países subdesenvolvidos, os projetos individuais e coletivos apresentam um clima de conflitos sociais que se entrelaçam no espaço e no tempo. Os conflitos sociais são:

- a) pré-industriais (entre etnias, entre ricos e pobres de economias tradicionais);
- b) industriais (entre assalariados e empregados estrangeiros da indústria importada);
- c) de ordem política (descolonização, conflitos políticos decorrentes de tradições e entre nações emergentes) (PERROUX, 1967, p. 19).

Dessa forma, Perroux compreende que existe uma relação de conflitos sociais coexistindo em planos distintos e que uma dada explicação econômica seria incapaz de dar sentido, não sendo suficiente para compreendê-los ou solucioná-los. O autor adverte ainda que para os conflitos sociais étnicos não é proeminente a luta pelo ganho econômico, mas sobretudo a luta pela maior participação na soberania, o que se torna mais profundo do que os conflitos de interesses (PERROUX, 1967).

Uma das principais diferenças entre as sociedades desenvolvidas das subdesenvolvidas está no processo de desenvolvimento econômico, pelo que o segundo tipo dinamiza-se através dos conflitos sociais e gradativamente passa à tomada de consciência da realidade do mercado, enquanto que, para as sociedades desenvolvidas, o mercado fica mais evidente aos conflitos de interesses.

Nas próprias sociedades ocidentais, as lutas sociais por prestígio e pela participação na soberania parecem ser mais profundas que os conflitos de interesse; as lutas sociais, aí, só serão ultrapassadas se um plano coletivo emergir e receber a adesão dos participantes no conflito. Nos conjuntos econômica e socialmente desarticulados, a solução, muito diferente e muito difícil, é, todavia, da mesma natureza: trata-se de um plano coletivo, de uma obra a se empreender em comum, que confere certa ordem à heterogeneidade dos conflitos sociais e permite o domínio parcial destes. Que se propõe a estes conjuntos desarticulados não é então, unicamente, a elevação do nível de vida e o enriquecimento, mas a vantagem e a superioridade coletiva de uma nação em constituição, isto é, de uma “quase-

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

nação”. Esta vantagem coletiva tem componentes culturais e materiais, os primeiros determinando os segundos. O plano coletivo da nação em constituição conduz a um empreendimento para o qual a expansão da liberdade, da dignidade e da autodeterminação efetiva sejam inseparáveis do incremento do consumo e da melhoria das condições materiais de vida (PERROUX, 1967, p. 19).

De acordo com a citação acima, existe uma relação entre os componentes culturais que a coletividade possui, os quais determinarão os componentes materiais. Na medida em que a luta coletiva conquista e expande sua liberdade e dignidade, se tornam inseparáveis do incremento do consumo e da melhoria das condições materiais de vida. Assim, os conflitos sociais ganham sentido social. É dessa forma que, gradativamente a “quase-nação” caminha para uma tomada de consciência do mercado e dos conflitos de ordem econômica, os quais se tornarão proeminentemente em conflitos de interesse.

Novamente Perroux conduz seu raciocínio ao desenvolvimento de uma ordem econômica estabelecida pela hegemonia, ou seja, é sempre a nação imbuída da cultura moderna, que está em condições de domínio sobre a inovação e a invenção, e de proporcionar o domínio sobre a “quase-nação”, que culturalmente adquire novos hábitos de consumo, e passa ou a se ajustar inconscientemente ao processo de colonização, ou a reivindicar, sempre por uma organização coletiva através da luta, declarando seus interesses e prerrogativas para com o colonizador.

Passemos à análise sobre as contribuições da teoria marxista. É na relação histórica entre regiões de colônia e províncias e seus monopólios, formando o desenvolvimento intenso de determinadas áreas em detrimento do atraso de outras, a qual corresponde ao processo de exploração orquestrado pelo capitalismo, e, dessa forma, o método marxista é apreendido à Questão Regional.

Necessitamos esclarecer que enquanto Myrdal e Perroux viam no estruturalismo histórico os rumos de sua teoria, Marx enxerga para além da estrutura, trabalhando conceitos para além das questões econômicas, de profundidade filosófica, que se atrelam ao processo de desvendamento do mundo. É o caso das definições de “objeto real” e “determinado”, “totalidade”, “complexidade” e

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

“contradição”. Devido à dificuldade de reduzir o entendimento de Marx para uso de sua teoria na Questão Regional, decidimos por direcionar algumas linhas para esta exposição.

Podemos iniciar nos referindo à importância que a teoria de Marx assume perante outras teorias. Conforme José Paulo Netto revela:

Durante o século XX, nas chamadas “sociedades democráticas” ninguém teve seus direitos civis limitados por ser durkheimiano ou weberiano – mas milhares de homens e mulheres, cientistas sociais ou não, foram perseguidos, presos, torturados, desterrados, e até mesmo assassinados por serem marxista (NETTO, 2011, p. 11).

A consolidação da trajetória teórica de Marx ocorreu pelas leituras e publicações em períodos intercalados. Em 1843 se confrontou polemicamente com a teoria de Hegel, influenciado pela teoria materialista de Feuerbach. Produziu “Para a Questão Judaica” (1843), “Crítica da Filosofia do Direito de Hegel” (1843-1844), “Manuscritos Econômico-Filosóficos” (1844), e foi neste momento que iniciou “O Capital” (1867). Conforme José Paulo Netto (2011), o mais importante nessa etapa da obra seria compreender que Marx passou da crítica filosófica para a crítica da economia política. Isso se tornou determinante na sua produção. A superação do problema do conhecimento em Marx se deu de forma gradativa e ascendente, pois antes procurava enveredar pelos caminhos da epistemologia, à procura da possibilidade do conhecimento. Assim, após a descoberta e migração para o materialismo histórico dialético.

Marx foi muito além do que seus estudos propuseram, pois, o fato é que sua teoria social permanece em construção (NETTO, 2011). O problema da diferença entre regiões, a crítica ao processo de desigualdade em países capitalistas se determina pela própria consequência que o capitalismo traz, ou seja, as regiões que se autodeterminam industriais acabam por serem identificadas como centros de desenvolvimento, enquanto outras que não tem a mesma estrutura industrial, que por vezes estão atreladas aos processos de trabalhos considerados arcaicos, acabam sendo identificadas como regiões de atraso.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Gramsci, em seu estudo sobre A Questão Meridional (1926), aplicando o método marxista, desvenda as raízes da desigualdade regional encontrada nos países de capitalismo atrasado, em que identifica a dicotomia campo/cidade. Expressando esta relação na sua obra, escreveu:

Nos países ainda atrasados do ponto de vista capitalista, como a Rússia, a Itália, a França e a Espanha, existe uma nítida separação entre a cidade e o campo, entre os operários e os camponeses. Na agricultura sobreviveram forma nitidamente feudais, bem como uma psicologia correspondente. A ideia do Estado moderno liberal-capitalista ainda é ignorada; as instituições econômicas e políticas não são concebidas como categorias históricas, que tiveram um início, sofreram um processo de desenvolvimento e podem se dissolver, depois de terem criado as condições para formas superiores de convivência social; são concebidas ao contrário, como categorias naturais, perpétuas imutáveis (GRAMSCI, 1987, p. 69).

Sobre a questão da diferenciação das regiões, Gramsci direcionou seus pensamentos sobre a Itália, decorrentes da relação entre as regiões do Norte industrial e desenvolvido e o Sul, agrário e atrasado. É a partir da unificação do país que o Estado consolida os interesses do Norte industrial em manter o Sul agrário, compondo uma espécie de bloco industrial-agrário. É neste contexto que Gramsci irá desvendar o papel do Estado na composição da ideologia burguesa, pois, “a burguesia setentrional subjugou a Itália meridional e as ilhas, reduzindo-as a colônias de exploração” (GRAMSCI, 1987, p. 77).

A política de dominação interna apoia-se, por outro lado, na ideologia burguesa – disseminada amplamente entre as massas – de que o atraso do Sul, devia-se, em grande parte, ao temperamento dos meridionais, tidos como preguiçosos, incapazes e, até mesmo, bárbaros. Além do mais, o Mezzogiorno é um parasita que impede o avanço mais rápido da sociedade italiana. Tudo que era de origem camponesa, logo, do Sul, era considerado sujo: “a Itália estava dividida em *nordici* e *sudici*” jogo de palavras que tem o seguinte sentido: sudicio – que quer dizer “sujo” e, ao mesmo tempo evoca pela sua conotação fonética, a palavra sudici, sulista, do Sul. E essa expressão traduzia de forma muito característica o ódio violento que existia entre a gente do Sul, com relação aos operários do Norte (TAVARES, 1987, p. 35).

Gramsci entende que o próprio Estado, ao manter a “ordem” do capital, fornece instrumentos para a consolidação da hegemonia do pensamento burguês entre os operários setentrionais e camponeses meridionais, pois o modo de vida da classe

PROMOÇÃO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



operária reproduzia, sem saber, aquilo que a ideologia burguesa determinava, pois, a literatura, a escola, os jornais, eram orientados pelo pensamento burguês, o que favorecia o surgimento do ódio de classe entre operários e camponeses.

3 CONCLUSÃO

As contribuições de Gunnar Myrdal (1898-1987), François Perroux (1903-1987) e Karl Marx (1818-1883) deram fôlego às discussões teóricas do século XX à Questão Regional, apesar das teorias não se referirem explicitamente ao termo mas identificar a existência de mecanismos repetitivos na relação histórica do capitalismo. Enquanto Myrdal buscou figurar sua teoria e prática política na compreensão da transversalidade de fatores eminentemente econômicos, assumindo uma compreensão ampla do papel do Estado frente às distorções do mercado, Perroux manteve uma postura sólida frente a manutenção do domínio estabelecido pelas estruturas capitalistas mais desenvolvidas, subalternizando outras menos desenvolvidas, e Marx buscou descortinar a história por intermédio do materialismo, encontrando diversas relações entre fatos econômicos e fenômenos sociais que explicam a questão da desigualdade entre regiões, causada pela acumulação de capital.

A análise proposta neste trabalho configura-se como um campo de estudo inacabado, e tende a percorrer instâncias críticas de reflexão que possam contribuir para a compreensão da Questão Regional no contexto das teorias econômicas.

REFERÊNCIAS

FIORI, Giuseppe. **A vida de Antônio Gramsci**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRAMSCI, Antonio. **A questão meridional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1996.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

MYRDAL, Gunnar. **Aspectos Políticos da Teoria Econômica**. Coleção Os Economistas. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 1997.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PERROUX, François. **O desenvolvimento**. In: DURAND, José Carlos Garcia. Sociologia do Desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

PRADO, Eleutério F. S. **A ortodoxia neoclássica**. Estudos Avançados 15 (41), 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n41/v15n41a03.pdf>> Acesso em: 06 julho 2017.

SANDRONI, Paulo. Prefácio. In: MYRDAL, Gunnar. **Aspectos Políticos da Teoria Econômica**. Coleção Os Economistas. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 1997.

SOUSA, Joeline Rodrigues de. **Gramsci: educação, escola e formação - caminhos para a emancipação humana**. Curitiba: Appris, 2014.

TAVARES, Hermes Magalhães. **Observações sobre a questão regional**. Cadernos PUR/UFRJ, v. 2, n.1, p. 23-39, 1987.

VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. **Economia micro e macro**. São Paulo: Atlas, 2002.

PROMOÇÃO



APOIO

